

# Geo-historiografia da ‘cultura castreja’ nos finais do século XIX. O caso de Martins Sarmento

JOSÉ RAMIRO PIMENTA\*

## RESUMO

Todas as ciências sociais são caracterizadas pela relação alteral com o objecto empírico. A arqueologia, pela sua participação na distância histórica e na distância antropológica, é porventura, de entre todas, aquela em que essa relação se desenha mais agudamente: é uma ciência de dupla alteridade.

O sentimento de forte ligação que as pessoas sentem por um lugar, a identificação que resulta da ocupação ao longo do tempo de um território, o sentimento de ‘estar em casa’, a atribuição, ao lugar em que se vive, de uma imutabilidade tranquilizadora, o sentimento individual como expressão de um sentimento territorial colectivo – que influência pode ter na investigação em ciências sociais?

Francisco Martins Sarmento é um dos primeiros nomes da arqueologia científica em Portugal, responsável pela escavação das ruínas dos povoados de Sabroso e Briteiros. A partir desse trabalho, elaborou uma versão específica de evolução histórica do Noroeste peninsular até à dominação romana. O que se pretende, neste trabalho, é justamente rever a versão de evolução histórica de Francisco Martins Sarmento à luz de um eventual *sentimento de lugar*, querendo ver, nessa versão, uma explicitação do sentimento de identidade geográfica do seu autor.

A ser assim, a detectar-se uma influência do sentimento de lugar na psicologia da investigação científica, a *história da ciência* será necessariamente uma *geografia histórica da ciência*.

Palavras-chave: História da Arqueologia – sentido de lugar – cultura castreja – etnogénese – Francisco Martins Sarmento.

---

\* Departamento de Geografia. Faculdade de Letras. Universidade do Porto. E-mail: jrpimenta@letras.up.pt

**ABSTRACT**

*Archaeology is by nature a science of 'otherness', because it studies historically and anthropologically distant people. The sentiment of attachment to specific places, the geographical uniqueness of a territory; the experience of being at "home", the "authenticity" of tradition, the influence of collective identities on individuals – may all influence the making of social science explanations?*

*Francisco Martins Sarmiento is one of the first Portuguese names of scientific archaeology, responsible for the excavation of the prehistoric settlements of Briteiros and Sabroso, in northern Portugal. Through that work Martins Sarmiento developed a framework for the cultural evolution of the Northwest of the Iberian Peninsula, down to the Roman period.*

*This study assesses the historical evolution proposed by Francisco Martins Sarmiento, in the light of an eventual sense of place, in an attempt to find out if that same explanation manifests in any way Sarmiento's own geographical identity.*

*If it is possible to detect some influence of the sense of place in the psychology of scientific research then, rather than history of science, one should speak of historical geography of science.*

*Key-words: History of Archaeology – sense of place – 'castro-culture' – ethnogenesis – Francisco Martins Sarmiento.*

## 1. O PROBLEMA DO CELTISMO<sup>1</sup>

É o próprio Martins Sarmiento (1933a, p. 41) que explicita claramente, num dos seus trabalhos sobre a etnogenia lusitana, qual a preocupação central na sua investigação:

«Como numa grande parte da Europa, a arqueologia da Lusitânia encontra diante de si a abstrusa questão do celtismo; mas aqui a questão simplifica-se e acentua-se de um modo especial (...) o que sabemos dos celtas e da invasão céltica na Espanha nos mostra esta parte da Península completamente estranha à ocupação e influência célticas (...)»

A argumentação de Martins Sarmiento irá ser conduzida de modo a defender a celtização incipiente do território do noroeste da Hispânia, especialmente da parte que corresponde ao actual território português que estava incluído na Lusitânia primitiva. Este território "estender-se-ia" entre o Tejo, ao sul e o mar Cantábrico, a norte. Essa argumentação tem como ponto principal, e cremos que o demonstramos neste artigo, uma específica preocupação de incluir a etnogenia lusitana na genealogia dos povos indo-europeus de que os povos da civilização clássica da Antiguidade, os Gregos e os Romanos, teriam sido os principais e mais civilizados representantes. Para cumprir essa intenção, tornava-se necessário desmentir, no essencial, a ideia corrente na época de que o substrato pré-romano do noroeste da Hispânia fosse fundamentalmente céltico. Não admira portanto

---

<sup>1</sup> Este trabalho desenvolve as ideias apresentadas nas Jornadas de Geografia da Universidade do Minho, em Novembro de 2002.

vermos todo o esforço de argumentação de Martins Sarmiento ser apontado nessa direcção.

Segundo a interpretação de Francisco Martins Sarmiento, os Celtas teriam surgido no norte da Europa, vindos da península escandinava. A sua argumentação é fundada, no essencial, nas fontes clássicas, a que adiciona algumas referências de outras áreas do conhecimento do passado proto-histórico, como a arqueologia, a linguística, etc. A origem setentrional dos povos celtas seria corroborada pela tradição das fontes clássicas gregas e romanas que situavam estes povos no país dos 'hiperbóreos', povo de feição mítica que habitaria a Europa do norte.

De Hesíodo retira a informação de que os celtas não eram ainda povos conhecidos na geografia etnológica do período arcádico ou bucólico da antiguidade grega. Neste autor não existem quaisquer referências aos povos celtas ou célticos na Europa ocidental, pois este apenas conhece Lígures nessas regiões, juntamente com Citas ao norte e Etíopes ao sul. Esta é uma geografia que não pode deixar de ser fenícia, já que a expansão e colonização gregas ainda não se tinham iniciado, sobretudo para ocidente, de modo a permitir possuir fontes próprias da etnografia destes lugares. É necessário porém todo o cuidado na extrapolação de fontes como esta que se referiam a uma visão do mundo, da ecúmena, ainda muito pequena, e muito centrada no mundo grego helénico do século VIII a. C.. O mais antigo documento que refere a existência de Celtas seria então o périplo fenício que serviu de base a Avieno. Esta cronologia seria igualmente corroborada por Lívio, quando afirma que a invasão continental dos celtas se situa no reinado de Tarquínio o Antigo, que é rei de Roma em redor do século VII a. C.. O facto de a *Ora Maritima* de Avieno não fazer referência a povos celtas no ocidente da Europa serve igualmente a Martins Sarmiento como demonstração de que não haveria qualquer presença celta ou influência céltica importante no noroeste da Hispânia até à data de elaboração do périplo fenício que lhe serve de base, e que se supõe situar-se no século VI a. C.. A invasão celta da Hispânia seria portanto posterior a esta data.

Passado não muito tempo, já os celtas eram conhecidos pela espantosa carnificina que causaram entre os povos com que se cruzavam na sua expansão pela Europa central. Nas fontes clássicas apresentadas por Martins Sarmiento, os Celtas são omnipresentes: no caminho para oriente, segundo Justino, aniquilam a Ligúria do Báltico e ganham fama de guerreiros violentos e impiedosos; atravessam a Panónia, devastam a Macedónia e a Grécia, e chegam mesmo a atingir a Ásia Menor. Existem, desta época, referências de contactos diplomáticos entre estes Celtas e o exército de Alexandre. Também data desta altura a invasão

de Roma pelos Celtas. Parte desta expansão celta começa também a fazer-se no sentido meridional e ocidental. Segundo Lívio, estes Celtas do Báltico que afugentaram os Lígures do Norte, tomaram o caminho do Reno, penetraram no coração da Europa central. Aí chegados ter-se-iam dividido em duas correntes de conquista que se dirigiram respectivamente para nascente e para sul, a primeira demorando-se na região dos bosques Hercínicos, a segunda atingindo mesmo o Mediterrâneo na área da foz do Ródano. Estes Celtas meridionais teriam sido responsáveis pela conquista e colonização de vários territórios em que vieram a estabelecer um domínio prolongado, como a Etrúria, e a começar a ser referidos nas fontes históricas clássicas mais antigas do Mediterrâneo, por se verem envolvidos em episódios bélicos que dizem respeito a Gregos e Romanos, como é o caso das lutas entre os Focenses e os Lígures, em que os Celtas auxiliam os Gregos. A partir deste momento os Celtas começam a aproximar-se da Hispânia e portanto a merecer a atenção da crítica mais especial por parte de Martins Sarmiento.

O impulso de difusão dos celtas na Europa começa a perder a força que havia caracterizado o ímpeto inicial. Isto deve-se sobretudo à grande extensão de territórios que a civilização celta já cobre no conjunto do espaço europeu. No máximo da sua dominação territorial, os Celtas estariam em posse de quase toda a Europa central, lugar em que serão chamados de Gauleses, e estendem a sua presença tão longe quanto a Ásia Menor, onde serão conhecidos como Gálatas.

A invasão celta acabará então por estender-se à Hispânia. Para Martins Sarmiento, no contexto da interpretação difusionista da época, o argumento da 'distância' é decisivo. Por isso defenderá, como veremos a seguir, que a pureza etnológica dos Lusitanos depende da sua posição, e os factores que a explicam são sobretudo de natureza geográfica. Este contexto permitir-lhe-á caracterizar a presença celta na Hispânia como fazendo parte de um impulso já enfraquecido devido à enorme distância que separa os invasores do longínquo lugar de partida escandinavo, associado ao esforço de conquista que representou a dominação de toda a Europa continental. Esta fragilidade fica de resto bem patente no tipo de miscigenação que vão levar a cabo com os habitantes da Hispânia, patente no próprio nome de Celtiberos, bem como na relativamente reduzida parcela de território que conseguem conquistar na Península.

O impulso expansionista celta na Hispânia iria assim dar origem a uma área continental relativamente extensa, a Celtibéria, que resultaria do confronto mutuamente equilibrado de Celtas e Iberos; e a dois núcleos de cultura céltica embebidos no substrato hispânico pré-celta, que seria ligúrico, no entender de Martins Sarmiento. O núcleo do Anas era já referido por Heródoto em meados do século V a. C., e a sua localização seria confirmada muito mais tarde por

Plínio, o que para Martins Sarmiento é prova da sua relativa estabilização cultural e territorial. Deste núcleo meridional teria tido origem uma expedição organizada com os vizinhos Túrdulos e que, dirigindo-se a norte, teria sido responsável pela criação de um núcleo céltico no extremo noroeste da Hispânia, os Celtas do promontório Nério.

Em todo o caso, o propósito de Martins Sarmiento ao descrever a celtização da Hispânia tem um objectivo claro: quer porque seja enfraquecida a vaga celta quando é forçada a embater na resistência dos Iberos, quer porque demonstra que os núcleos mais ocidentais, o do Anas e o do noroeste, são localizados, este investigador tem em mente a demonstração de uma tese que lhe é querida: *a celtização do ocidente da Península é incipiente*, nomeadamente do que virá a ser a Lusitânia primitiva. Os Celtas da Celtibéria estariam separados dos povos do ocidente por outras nações que as fontes clássicas registaram, como os vetones, oretanos e carpetanos. Martins Sarmiento não poupará mesmo esforços para demonstrar a sua atipicidade, dos Celtas, no contexto dos povos hispânicos vizinhos, nomeadamente dos Lusitanos.

## 2. GREGOS NO NOROESTE DA EUROPA

Demonstrada a incipiente celtização da Hispânia, Martins Sarmiento (1933a, p. 47) interroga-se então sobre qual será o fundo etnogénico da Hispânia, e sobretudo da parte lusitana da Península.

«Para o problema que nos interessa, importa (...) procurar os vestígios dos povos pré-celtas que ocuparam o ocidente no intuito de colher algum indício (...) Todas as analogias são entre lígures e gregos».

A conclusão a que chega é a de que as marcas de cultura pré-celtas da Península são em tudo análogas às que a tradição clássica nos legou como próprias da civilização grega. Como explicar então essa profunda semelhança?

Não o pode justificar a dominação grega do período clássico. O esforço de colonização grega é uma realidade do Mediterrâneo oriental e do Mar Negro. A Sicília é o último grande território de aculturação abertamente helénica, e Massalia a mais ocidental das colónias gregas. A barreira cartaginesa sempre impediu o desenvolvimento de uma dominação grega da Hispânia, dominação essa que se restringiu a algumas feitorias no Levante e a algum comércio com os povos do sul, cujo carácter mítico com que aparece descrito em fontes clássicas gregas mais bem demonstraria o seu parcial desconhecimento. O ocidente e o Mar Oceano não estiveram nunca sob o domínio grego.

O que é então fundamental, para Martins Sarmiento, é explicar as muitas marcas da presença grega em lugares que não estão na órbita da talassocracia helénica.

Uma das tradições, com origem na literatura clássica, fazendo ressonância de lendas que vinham dos tempos homéricos, de que Martins Sarmiento fará uso para sustentar a tese da presença grega no substrato pré-celta da Europa ocidental, é a do povo dos 'Hiperbóreos'. Os Hiperbóreos seriam um povo mais ou menos mítico que habitava o extremo norte da Europa. Referido em alguns autores clássicos, nomeadamente Heródoto (que, diga-se de passagem, não acredita muito na sua existência) e Hecateu, este povo, apesar da distância a que se encontra da mãe Grécia, continua a enviar oferendas ao santuário de Apolo em Delos, o que faz suspeitar, por parte de Martins Sarmiento, de uma ligação helénica inicial. Para Martins Sarmiento, o caminho que tomavam os emissários destas oferendas fazia desenhar no mapa da Europa o caminho inverso da migração dos povos indo-europeus ante-helénicos que com estes mantinham relações culturais e ideológicas tão fortes ao ponto de suportarem o perigo de uma viagem tão extensa através da Europa central, com o intuito de procederem ao cumprimento da sua devoção religiosa.

Além do povo dos Hiperbóreos, são inúmeras as marcas de presença grega que Martins Sarmiento detecta em diversas regiões da Europa ocidental, regiões em que os Gregos não haviam nunca permanecido, seja em nomes de povos e de cidades, de reis e de guerreiros, de costumes e de cultos. De entre todas as regiões em que os autores gregos e romanos constatarem uma presença romana indiscutível, tudo permeado por expansões de fantasia, a que não está alheia o proto-helenismo associado às viagens dos Argonautas, está toda a Europa ocidental, compreendendo as Ilhas Britânicas, a Península Ibérica e, dentro desta, com maior incidência, o noroeste peninsular, isto é, o território que viria a constituir a Lusitânia primitiva, entre o Tejo e o mar Cantábrico.

De especial relevância para a determinação da antiguidade do povoamento no noroeste da Hispânia, estão os topónimos presentes no périplo de Avieno, e que para Martins Sarmiento são de indiscutível ressonância grega: Albiones, Oestrymnidos, Hibernos, Dranganes, Cempses, Cynetes, Tartéssios, Pelágia (ilha), Achale (ilha), Agonida (ilha) e Ana (rio). Para Martins Sarmiento a premissa de que Avieno teria feito uso de um périplo fenício que descreve uma geografia anterior ao aparecimento dos Celtas pelas regiões peninsulares permite considerar estes nomes como legítimos representantes da língua ou línguas pré-célticas faladas pelos povos que anteriormente aos Celtas habitavam esta parte da Península.

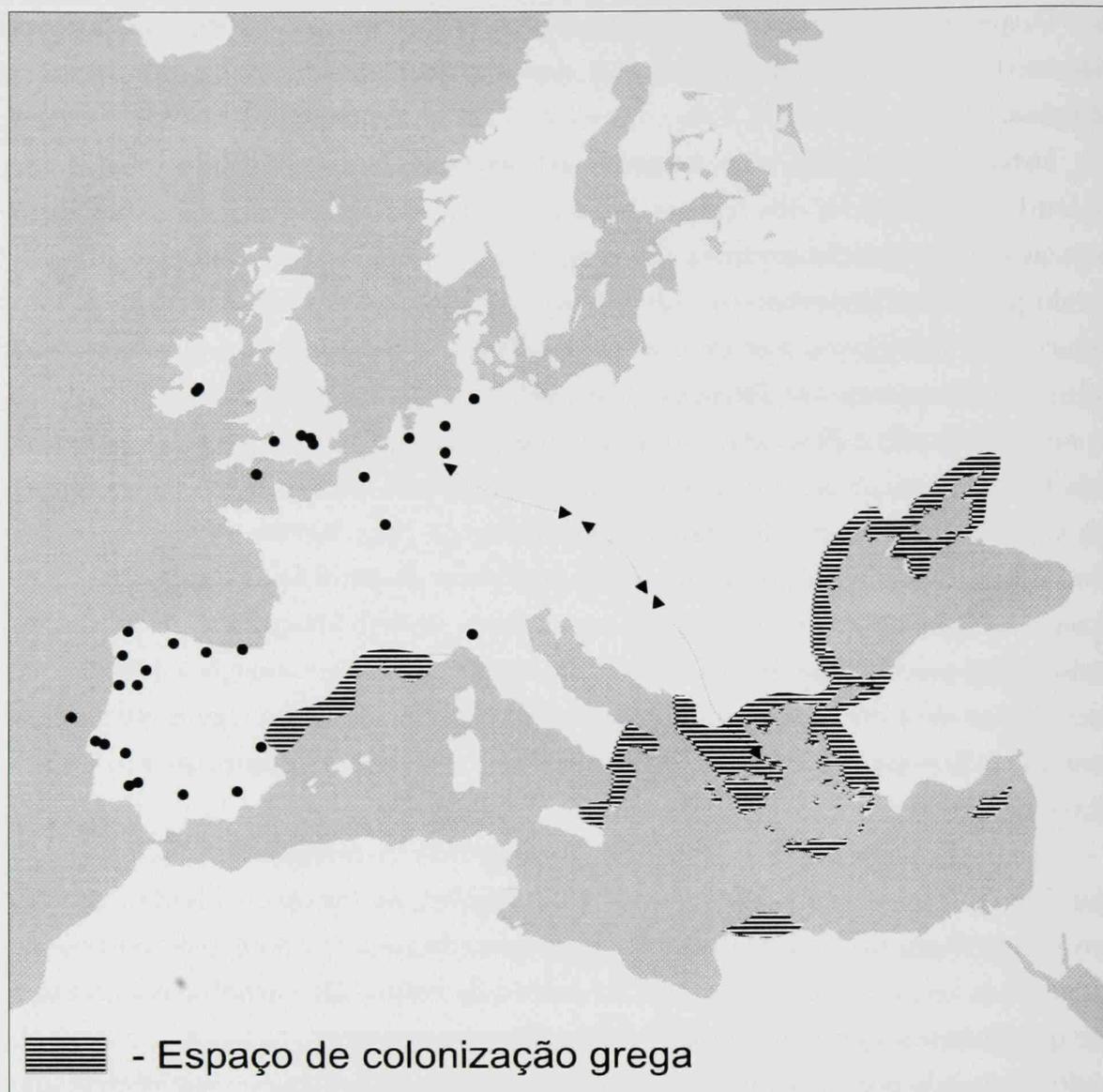


Fig. 1 – As marcas de presença ligúrica no ocidente da Europa, segundo Francisco Martins Sarmiento

Para Martins Sarmiento facilmente se pode constatar que toda a península hispânica estava povoada por povos de origem indo-europeia ainda antes da chegada dos Celtas, povos esses que deteriam uma civilização mais avançada (que por sua vez poderiam já ter expulsado destas paragens povos iberos indígenas) do que aqueles e que, se em parte foram subjugados militarmente, não o foram em termos culturais. Estes povos ligúricos fariam parte do imenso substrato cultural indo-europeu que cobriria toda a Europa ocidental, especialmente as regiões mais litorais, porque é de uma civilização litoral de que se fala, e que unifica portanto, sob a dominação celta, as regiões que justamente menos sofreram os efeitos dessa dominação.

Estes povos ligúricos, e portanto indo-europeus, da Península seriam aparentados com os povos litorais de toda a Europa ocidental, nomeadamente os

das Ilhas Britânicas (Lígures que seriam afinal os descendentes daqueles que o perigo celta havia expulsado das regiões da Europa setentrional), com quem de resto manteriam relações comerciais à distância, relações essas possibilitadas pelo facto de entre essas relações se estabelecer já um trânsito marítimo em embarcações rudimentares, antes mesmo que os Fenícios ali viessem a estabelecer as suas rotas do comércio do estanho.

A intenção de Martins Sarmiento em suportar a origem lígure pré-céltica do noroeste da Hispânia pode compreender-se perfeitamente se sobrepusermos cartograficamente os testemunhos de presença grega na Europa ocidental que o autor se deu ao esforço de recolher, e formos obrigados a reconhecer uma óbvia singularidade: a concentração forte de marcas de presença grega em lugares em que os gregos nunca estiveram. E a juntar a essa evidência, a tentativa de demonstrar que apesar da diversidade de nomes de povos que habitam a vasta área geográfica que virá a ser a Lusitânia primitiva e as áreas vizinhas, como sejam os Lusitanos, os Calaicos, os Astures, os Cântabros..., existe todavia uma unidade entre todos, que os torna representantes de uma cultura com um substrato comum, um substrato com ressonâncias helénicas, porque tem a mesma origem indo-europeia dos habitantes da península grega, um povo ancestral e desenvolvido, enfim os *Lígures*.

A defesa da tese sarmentiana contém um argumento que é explicitamente arqueológico, e que por isso lhe empresta um cunho especial, dada a autoridade que justamente neste domínio o autor detinha entre a comunidade científica de Portugal nos fins do século XIX. E esse argumento passa pela constatação de uma realidade arqueológica, os *dólmenes*, como um elemento de reconhecimento da distribuição das marcas de presença grega detectadas na epigrafia e nas fontes históricas.

«Não deixa de ser notável a coincidência de que precisamente nesta zona [litoral do ocidente da Europa, área de distribuição dos vestígios dolménicos] é que nós encontramos a cadeia de nomes gregos e de tradições gregas». (F. M. Sarmiento, 1933a, p. 51).

As marcas de presença grega são afinal marcas de presença de um povo indo-europeu mais antigo e que, por essa origem, torna familiares aos autores clássicos os nomes de pessoas e lugares, pela simples razão de que é o povo que *deu origem a uns e a outros*. Assim, os Lígures não são Gregos, mas ambos são povos arianos que descendem das mesmas migrações do milénio anterior: uns dirigiram-se para ocidente, e vieram a ser representados pelos Lusitanos, outros quedaram-se mais a oriente e, fruto de circunstâncias geográficas e históricas excepcionais, vieram a dar origem à mais poderosa civilização que na Europa teve desenvolvimento: a Grécia clássica.

### 3. A LUSITÂNIA

A argumentação de Martins Sarmiento sobre a etnogenia da Lusitânia mostra uma vontade evidente de filiar a cultura do noroeste da Hispânia no fundo ariano das grandes migrações indo-europeias que irão dar origem às grandes civilizações clássicas, os Gregos e Romanos. Por outras palavras, o esforço de interpretação da proto-história de Martins Sarmiento é feito no sentido de fazer participar os Lusitanos na grande matriz cultural que é a génese da própria identidade europeia. Que o caso toma a forma quase de uma busca de antepassados ilustres do povo dos Lusitanos, demonstram-no as suas próprias palavras:

«Os lusitanos, ao contrário do que geralmente se pensa, têm, graças à sua *posição geográfica*, uma das mais puras árvores genealógicas dos povos antigos (...) As diferentes revoluções por que passou a Lusitânia não alteraram em nada o carácter das suas populações». (F. M. Sarmiento, 1933a, p. 59-60; itálico nosso).

Esta frase é a muitos títulos notável e por isso desejaríamos cindi-la em dois componentes principais, tendo contudo sempre presente que a causalidade desta proposição é de *natureza geográfica*: os Lusitanos são o que são 'graças à sua posição geográfica'. A primeira parte desta proposição prende-se com a questão da pureza genealógica dos antepassados dos Lusitanos:

«Os lusitanos, ao contrário do que geralmente se pensa, têm, graças à sua posição geográfica, uma das mais puras árvores genealógicas dos povos antigos».

Vejamos de novo a interpretação de Martins Sarmiento da evolução cultural da Europa ocidental mas agora do ponto de vista do ligurismo residual do noroeste da Hispânia face à dinâmica de expansão celta.

Os celtas começam a sua difusão desde o norte da Europa, numa altura em que todo o Ocidente, sobretudo o litoral, se encontrava povoado por gentes de origem indo-europeia que teriam marcado duradouramente os costumes e os nomes desses territórios. O primeiro grande embate entre estes dois grandes tipos civilizacionais dá-se desde logo no Báltico, forçando os lígures dessas paragens a procurarem refúgio no sul das Ilhas Britânicas.

A difusão da dominação céltica, embora guiada por caminhos continentais, o que provoca a separação da Ligúria do Mediterrâneo do resto dos Lígures ocidentais, é levada a cabo à custa dos povos indo-europeus que são pressionados na direcção do ocidente.

No máximo da dominação céltica da Europa, apenas uma franja ocidental, atlântica, sobra do antigo povoamento indo-europeu. Um território, mais do que qualquer outro, 'graças à sua posição', recebe esta herança de resistência do antigo povoamento indo-europeu face à dominação bárbara dos Celtas: o noroeste da Península Ibérica, o mesmo é dizer: *os Lusitanos*.

No início deste ponto havíamos referido que a proposição geral de Martins Sarmiento se poderia dividir em dois componentes principais. O primeiro, que acabámos de ver, prendia-se com a questão da 'pureza' genealógica dos Lusitanos; o segundo, a que faremos referência agora, prende-se com as razões que justificam a permanência desses mesmos traços de 'pureza' genealógica até ao momento em que os Romanos dominaram integralmente a Hispânia:

«As diferentes revoluções por que passou a Lusitânia não alteraram em nada o carácter das suas populações» .

Para a demonstração da segunda parte desta sua proposição, Martins Sarmiento procede à apresentação dos diversos episódios de dominação militar, social e cultural da Península Ibérica que sucederam ao suposto substrato de origem indo-europeia: a dominação celta, cartaginesa-fenícia e, finalmente, romana. Em todos eles o fundo cultural indo-europeu não é, no essencial, posto em causa.

A Europa ocidental, ao tempo que os povos do Mediterrâneo (Fenícios e depois Cartagineses) primeiramente a começam a descobrir é já um lugar de povoamento antigo de origem indo-europeia, povoamento antigo a que o 'povo dos dólmenes', daria, no entender de Martins Sarmiento, consistência arqueológica. Não faltam até referências a ligações marítimas que poriam em contacto todos estes povos de costumes comuns. Estas ligações marítimas, que viriam a ser progressivamente substituídas pelas rotas fenícias do estanho, seriam efectuadas em barcas de couro que ainda em tempos dos Romanos eram conhecidas na Lusitânia.

Ora a invasão celta em nada modificou esta situação. A sua força expansiva extinguiu-se face à resistência dos primeiros povos ibéricos que lhes surgiram pela frente. A criação posterior de pequenos núcleos de povoamento celta no sul e no norte do litoral ocidental não poderia nunca justificar uma modificação intensa e permanente do fundo cultural e etnogénico dos povos que habitavam estes territórios.

A dominação fenícia e cartaginesa não põe em questão, do mesmo modo, este fundo indígena indo-europeu do noroeste da Península. A invasão, mais comercial do que territorial, e ainda que tenha produzido uma potência regional importante, os Iberos, é feita a partir do litoral mediterrânico, e não pode afectar mais dos que os povos meridionais do litoral ocidental.

Em tempos já mais recentes o noroeste peninsular vê aparecer um outro povo, a par dos Lusitanos, os Calaicos, que são quem domina o extremo norte do litoral ocidental. Porém, esta modificação morfológica pouco representa em termos etnogénicos e em nada modifica as condições genealógicas da Lusitânia primitiva, uma vez que, para Martins Sarmiento, as fontes são claras em demonstrar que estes dois povos são ramos da mesma cultura indo-europeia que o povo dos dólmenes tinha trazido a estas paragens.

Neste momento podemos já aperceber-nos duma espécie de *mecanismo invariante de interpretação* por parte de Martins Sarmiento, no que diz respeito à identidade política e cultural do noroeste da Hispânia. De algum modo, esta resistência do noroeste peninsular face a formações políticas e sociais que a ameaçam a leste e a sul é um *déjà vu*. É a mesma situação que deu origem à fundação da nacionalidade portuguesa! Foi perante esta aparente posição invariante do noroeste peninsular, quer como resistência a inimigos continentais ou meridionais, quer na afinidade cultural de toda uma região, ainda que politicamente diferenciada, que nos chamou a atenção para a possibilidade de podermos estar em presença de uma influência de um ‘sentido de lugar’ na interpretação de Martins Sarmiento acerca da evolução pré-histórica do território que veio a dar origem à formação política medieval de Portugal.

Esta ideia, que se veio a insinuar progressivamente no nosso espírito, foi ilustrativamente confirmada por uma frase de Martins Sarmiento ao referir-se à questão da existência ou não “existência” de manifestações de arte no território português antes da romanização; Martins Sarmiento exclama:

«Eu pedi licença para discordar (...) Eu não preciso de sair de Sabroso»<sup>2</sup>

Esta frase, na sua aparente simplicidade, é mais do que uma simples afirmação, é uma maneira de ver o passado e a evolução cultural que une indissolivelmente o passado com o presente. Vejamos então todos os passos desta evolução circular, desta dinâmica de invariância, desta fenomenologia do eterno retorno.

I) Para Francisco Martins Sarmiento, a Lusitânia primitiva é um território culturalmente indo-europeu, ancestral, com manifestações de arianismo evidente nos dólmenes e nas habitações castrejas. Na sua estrema continental, contacta



Fig. 2 – O “sentido de lugar” em Francisco Martins Sarmiento

<sup>2</sup> F.M. Sarmiento, 1933m, p. 75 e 79; e a que podemos juntar a seguinte nota de E. Hübner (cit. por F. M. Sarmiento 1933f, p.453), referindo-se, ainda que indirectamente, ao trabalho de Martins Sarmiento em redor do seu quintal: “A observação local, isolada, conduz a exageros patrióticos...”.

com os limites ocidentais da grande dominação céltica. Na sua fronteira meridional, detém a expansão fenícia-cartaginesa. O 'lugar-centro' desta cultura, desta civilização original do noroeste peninsular: *Sabroso*.

II) A Lusitânia romana é, juntamente com o território calaico, que é afinal uma cultura em tudo afim à cultura lusitana, sem que a diferente denominação política ponha em questão a unidade cultural, um território de manutenção da identidade indígena, lugar de resistência activa, último centro peninsular que Roma terá de fazer vergar pela diferença da força militar. Nas suas extremas continental e meridional, contacta com os limites ocidentais da grande dominação romana. O 'lugar-centro' desta cultura, desta civilização original do noroeste peninsular, a poucos metros do ancestral Sabroso: *Briteiros*.

III) Finalmente, a 'Lusitânia portugalense', uma realidade política medieval que virá justamente dar origem à nacionalidade portuguesa. Com a afinidade galega que é em si mesma a causa da identidade e da identificação de Portucale, reproduz também o modelo que parece vir de tempos imemoriais. Na sua extrema continental, contacta com os limites ocidentais da grande dominação de Castela, a formação política aglutinante do centro da Hispânia. Na sua fronteira meridional detém e inverte, com a Reconquista, a dinâmica da expansão árabe na Península. O 'lugar-centro' desta cultura, desta civilização original do noroeste peninsular, a poucos quilómetros dos ancestrais Sabroso e Briteiros: *Guimarães*.

Se o sentimento de forte ligação que as pessoas detêm por um lugar, a identificação que resulta da ocupação ao longo do tempo de um território, o sentimento de 'estar em casa', a atribuição, ao lugar em que se vive, de uma imutabilidade tranquilizadora, o sentimento individual como expressão de um sentimento territorial colectivo também estiverem presentes no momento da construção teórica em ciência social, sobretudo daquelas que, como a arqueologia, possuem uma relação de marcada alteridade com o seu objecto empírico, então o caso de Martins Sarmiento pode ilustrar esse modo de construir a interpretação histórica.

Neste momento, e com o respeito que uma figura como Francisco Martins Sarmiento sempre impõe, atrevemo-nos a ler na sua frase explícita que acima transcrevemos, uma outra que o seu íntimo poderia talvez guardar inconscientemente:

[O *Entre-Douro-e-Minho*, ao contrário do que geralmente se pensa, tem, graças à sua posição geográfica, uma das mais puras árvores genealógicas das *regiões portuguesas* (...) As diferentes revoluções por que passou *Portugal* não alteraram em nada o carácter das suas populações]

E a ser assim, a poder detectar-se uma influência do 'sentido' ou 'sentimento de lugar' na psicologia da investigação científica, a *história da ciência* terá necessariamente de ser uma *geografia histórica da ciência*.

## BIBLIOGRAFIA

- SARMENTO, F. M. (1933a) – Os Lusitanos. Questões de Etnologia. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 41-60.
- SARMENTO, F. M. (1933b) – Os Gregos no Noroeste da Ibéria. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 1-39.
- SARMENTO, F. M. (1933c) – Sobre as antigas cidades da Ibéria. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 12-28.
- SARMENTO, F. M. (1933d) – Arte pré-romana. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 19-21
- SARMENTO, F. M. (1933e) – Acerca das escavações de Sabroso. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 22-35.
- SARMENTO, F. M. (1933f) – Observações à 'Citânia' do sr. Doutor Emílio Hübner. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 463-489.
- SARMENTO, F. M. (1933g) – Os Celtas na Lusitânia. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 100-128.
- SARMENTO, F. M. (1933h) – A propósito de castros. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 165-172.
- SARMENTO, F. M. (1933i) – Os Atlantes de Diodoro Sículo. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 328-335.
- SARMENTO, F. M. (1933j) – Lusitanos, Lígures e Celtas. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 338-415.
- SARMENTO, F. M. (1933l) – A arte micénica no Noroeste de Espanha. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 431-442.
- SARMENTO, F. M. (1933m) – Se antes da invasão romana havia arte entre nós. In *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia e arte pre-historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 75-79.